

## PELEANDO COM O TEMPO

Albeni Carmo de Oliveira

Bem no alto de uma coxilha  
Um taura velho e cansado,  
Apeou de um pingo tostado  
Olhou para trás e para frente,  
E depois fechando os olhos  
Como quem está sonhando,  
Viu o pampa desfilando  
Dentro de sua própria mente.

Enxergou em pensamento  
O negro do pastoreio  
E o piazito carreteiro  
Assoviando uma toada,  
Viu o boitatá, o lobisomem  
Muita gente assombrando,  
E o boi barroso berrando  
Lá no fundo da internada!

Escutou uma gaita chorando  
Num fandango de galpão.  
Viu peleias de facão  
Viu osso clavando sorte,  
Viu dois galos numa rinha  
Que para provar seus valores,  
Aos gritos de apostadores  
Lutaram até a morte...

Viu um ginete domando  
Um bagual manhoso e xucro,  
Viu até jogo de truco  
No meio de gritarias;  
Viu gente que sem relógios  
No sol ia se orientando,  
Ou à noite tropeando  
Pela Dalva ou Três Marias.

Viu também um quero-quero  
O melhor dos vigilantes.  
Com seus gritos alarmantes  
Zelando pela querência.  
Viu um peão entendido  
No trançar do couro cru;  
Trançando um laço, o xiru  
Com calma, jeito e paciência...

Viu benzedeiros cosendo  
Com ramos fazendo curas,  
Escutou a saracura  
E o sabiá cantando,  
Viu rolinhas e seriemas  
Tantos bichos, que beleza.  
E o hino da natureza  
Quando o dia vem clareando!

Sentiu o vento minuano  
Gelando até sua alma,  
Viu um rio de águas calmas  
Com peixes em abundância;  
Viu matos com muita caça  
Que aos poucos foram morrendo  
E viu homens se abatendo  
Por culpa da tal ganância!...

Enfim ele viu tantas coisas  
E mudanças neste Estado;  
Viu carretas, viu arados  
Que engrandeceram este chão,  
Viu uma tropa passando  
Em direção à charqueada,  
Viu reunida a peonada  
Em dias de marcação.

Recordou velhos amigos  
Dos idos tempos da infância,  
Gente criada em estância  
Nas lidas do interior.  
Desde o humilde plantador  
Ao mais valente campeiro,  
Que sonhando com dinheiro  
Se cambiaram para a cidade,  
E hoje só resta a saudade  
Num coração tafoneiro.

E ali junto ao seu pingo  
Herança que lhe restou,  
Tanta coisa recordou  
E tamanha dor sentia,  
Que quando abriu os olhos  
E olhou novamente o pago,  
No seu rosto de índio vago  
Uma lágrima escorria...

Depois montou novamente  
No seu amigo tostado,  
Sabendo que do passado  
Só lhe resta recordar.  
Pois sabe que com o progresso  
Embora ajudando a gente,  
As coisas de antigamente  
Nunca mais hão de voltar!

E esporeando o seu pingo  
Olhou bem para o infinito;  
E ao vento soltou um grito  
De alerta, um brado de guerra.  
Pedindo para a juventude,  
Que vier daqui para a frente  
Que defenda bravamente,  
As tradições desta terra!...